

DE COMO, EM ESTRATÉGIA, É ENGANOSA A SIMPLES SOMA DAS PARCELAS

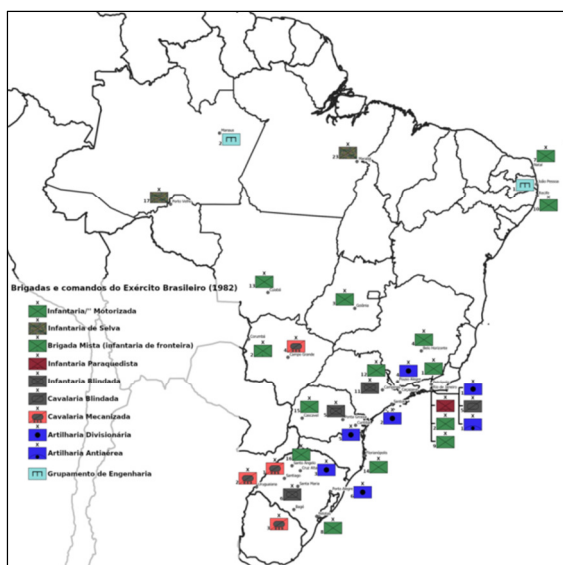
Quando se debatem as ameaças à paz na Europa, tem-se tornado habitual, entre os autores de opiniões pacifistas e/ou anti-OTAN, esgrimir como argumento da improbabilidade da ameaça russa a comparação, favorável aos Ocidentais, em termos de soma dos Produtos Internos Brutos e soma de meios militares convencionais (pessoal, armamento, munições, etc.). Segundo essa argumentação, a simples adição dos meios conferiria aos Ocidentais uma vantagem mais do que suficiente para dissuadir a Federação Russa de qualquer acto de agressão.

Imaginamos o efeito destas alegações no espírito dos cidadãos menos instruídos nos negócios da guerra e de como lhes deve parecer desadequada a corrida às armas que se desencadeou, sobretudo, no seguimento da agressão russa contra a Ucrânia, em 2022. Nesta campanha, judiciosamente espalhada nos jornais e televisões do Ocidente, participam com grande empenho figuras notáveis dos média portugueses, oficiais das Forças Armadas na situação de reforma e professores universitários, todos eles jamais confrontados com a circunstância de não haver nas televisões da Rússia quem, simetricamente, defenda os pontos de vista do Ocidente.

Procurando explicar, de forma simples, o engano que estas somas representam em termos de potencial de combate, lanço mão de dois mapas do Brasil, grande potência da América do Sul, que, neste caso, serve como ferramenta de comparação com a Europa Ocidental (sim, é prudente não contar, nesta equação, com os Estados Unidos).



Estados da República Federativa do Brasil



Dispositivo do Exército (1982)

Assim, no mapa da esquerda, temos a repartição da federação em Estados. No mapa da direita, está representado o dispositivo do Exército Brasileiro (por mero acaso, no ano de 1982). Qualquer pessoa pode reparar que a distribuição das forças brasileiras não é uniforme, sendo muito evidente que é dada prioridade ao sul do território. PORQUÊ? Naturalmente, porque é a sul que se encontra o seu vizinho mais poderoso – a Argentina.

Agora, imaginem que, em vez de estarmos a considerar o Brasil como uma República Federativa, estávamos perante uma União de países soberanos, como a União Europeia. É fácil de entender que, nessas condições, cada um dos Estados teria as suas próprias Forças Armadas e, por conseguinte, mesmo que a Argentina fosse um potencial adversário de TODOS, as unidades militares estariam posicionadas em cada um dos Estados, muitas delas a centenas ou milhares de quilómetros da fronteira argentina. Será assim tão difícil compreender que o potencial estratégico dessa imaginária União seria sempre muito inferior ao do Brasil federativo?

O que se passa na Europa é muito semelhante ao que se retira deste pequeno devaneio. No caso de um agravamento da situação militar no Leste da Europa, mesmo com o eventual accionamento do artigo 5.º do Tratado do Atlântico, será morosa a mobilização de meios e a sua movimentação para a frente de combate. Já o seria se a OTAN, em tempo de paz, realizasse um enorme exercício de concentração de meios a Leste. Imaginem, agora, a dificuldade de concretizar o mesmo objectivo, mas já com combates e acções de fogo na retaguarda.

Não, a única soma que devemos ter em conta é a dos enganos com que nos querem agredir.

David Martelo – 2 de Setembro de 2026